



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA EM ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO FORMAIS**

Andrevânia Santos de Matos  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil  
Endereço eletrônico: vaniamatoss1@hotmail.com

Wagnervalter Dutra Júnior  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil  
Endereço eletrônico: wdutra@uneb.br

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho é característica exclusiva do ser humano, pois acontece através da racionalidade, do planejamento e da sistematização de ideias. Logo, a formação humana está diretamente ligada ao trabalho, porque a partir dele o homem transforma o mundo, a si mesmo e as suas relações, se constituindo em um ato educativo, ou seja, o homem produz trabalho, se forma e educa. Saviani (2007, p. 154) afirma, que:

[...] o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo.

Contudo, ao mesmo tempo em que o trabalho humaniza, também aliena, evidenciando as contradições presentes na sociedade capitalista. É nesta configuração contraditória que este sistema expropria, explora, detém os meios de produção, obtém lucro e acumula capital a partir da exploração do homem pelo homem.

A presente pesquisa visa evidenciar como o trabalho, a formação humana e a educação se relacionam, contribuindo para a (re) produção da condição humana. Além disso, busca enfatizar como a formação humana omnilateral pode influenciar no desvelamento da alienação e compreensão da importância em lutar contra a exploração do homem pelo homem. Por tratar das questões relacionadas ao campo e as alterações que o sistema capitalista produziu e reproduz nas relações entre sociedade e natureza<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup>O conceito de natureza, nesta pesquisa, pretende se distanciar da dualidade “natureza externa” e “natureza universal” discutida por Smith (1988). Quando tratamos de sociedade e natureza, não temos a intenção de separá-las, pois o intuito é evidenciar que tais conceitos coexistem. Os contrastes apresentados se fundamentam na relação com o meio na perspectiva do capital e do camponês.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

produção, trabalho e formação do homem nessa totalidade, a pesquisa perpassa por discussões acerca da educação do campo, a qual, seja formal ou não formal, precisa formar pessoas que conheçam a sua realidade e consigam pensar a respeito da viabilização da mudança, o que reflete nas possibilidades da Pedagogia Histórico-Crítica.

Com a inserção do capitalismo no campo, as relações de trabalho e de produção foram transformadas, fazendo com que a agricultura camponesa se veja ameaçada e subordinada ao capital. Muitos trabalhadores rurais, diante da expropriação de suas terras, migraram para as cidades em busca de melhores condições de vida. Para Grossi (2013, p.34), esse processo estabeleceu “a base para a divisão antagonista entre campo e cidade”. Para permanecer no campo, os trabalhadores rurais vendem sua força de trabalho ao agronegócio, pois no capitalismo “o trabalhador não tem apenas de lutar pelos seus meios de vida físicos, ele tem de lutar pela aquisição de trabalho, isto é, pela possibilidade, pelos meios de poder efetivar sua atividade” (MARX, 2010, p. 25).

Porém, existem trabalhadores rurais lutando, contra o sistema que lhes foi imposto e pelo direito à renda da terra, ao lado de movimentos sociais que visam justamente a autonomia do camponês. Isso explica “[...] um número cada vez maior de estudiosos da agricultura [que buscam] a explicação não só para a permanência, como também para o aumento do campesinato na agricultura, no próprio processo de desenvolvimento do modo capitalista de produção” (OLIVEIRA, 2007, p. 11).

Neste cenário, a formação humana através da educação apresenta-se de maneira distinta para o agronegócio e para os camponeses, isso se explica pelo fato de que: “[...] enquanto o agronegócio organiza seu território para produção de mercadorias, o grupo de camponeses organiza seu território, primeiro, para sua existência, precisando desenvolver todas as dimensões da vida” (FERNANDES, 2008, p.40), o que tem respaldo na formação humana omnilateral.

A educação do campo deve ser pensada e organizada a partir da realidade em que ela se insere, ou seja, os aspectos materiais e históricos que fazem parte de determinado lugar. É neste sentido que Caldart (2008, p.70) afirma, que “[...] a materialidade de origem (ou de raiz) da Educação do Campo exige que ela seja pensada/trabalhada sempre na tríade: Campo – Política Pública – Educação”.

Além da educação formal, oferecida nas escolas do campo, os movimentos



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

sociais, a exemplo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, oferecem espaços de educação não formal, nos quais as pessoas compartilham conhecimento a respeito de sua condição social, seus direitos, convivência com as condições naturais de onde habitam, leis e políticas públicas direcionadas ao trabalhador do campo.

Esse processo educativo permite a formação humana em seus mais variados aspectos, isto é, em todas as dimensões da vida, o que vai muito além da discussão dos conteúdos disciplinares. Para Gohn (2006, p. 28), uma dessas dimensões é “[...] a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor [...]”. Assim, a educação não formal forma cidadãos do mundo para o mundo, reconhecendo as suas condições políticas, econômicas, históricas e as relações sociais estabelecidas em sua realidade/totalidade.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho constitui-se em uma revisão bibliográfica baseada em autores como: Fernandes (2008), Gohn (2006), Grossi (2013), Marx (2010), Oliveira (2007), Saviani (1999), entre outros, tendo como método o materialismo histórico-dialético, que possibilita a análise da realidade considerando a sua materialidade, história e contradição, o que é essencial quando se tem a intenção de evidenciar a dialética presente nas relações sociais e processos educativos, sejam eles formais ou não formais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Observa-se que a educação não formal desenvolvida por movimentos sociais, diferentemente da perspectiva da aquisição de competências e habilidades, deve permitir ao ser humano em formação o conhecimento de sua realidade, fazendo com que ele questione, problematize, critique, aprenda, sintetize, pense em formas para transformar essa realidade e de fato a transforme. Tais aspectos são discutidos por Saviani (1999) através das etapas da Pedagogia Histórico-Crítica: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final.

Os movimentos sociais podem desenvolver espaços de compartilhamento de ideias que colaborem para a coexistência entre agricultura e natureza, a qual para o



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

agronegócio é meio para a acumulação de capital. Isso impõe o desafio da construção de uma sociabilidade com fundamentos que “[...] não podem prescindir das necessárias mudanças na relação da sociedade com a natureza, destacando a terra como elemento central de suporte material e simbólico da vida social” (GROSSI, 2013, p. 44).

Na perspectiva da terra como suporte para a vida, destaca-se a importância material que ela possui para os camponeses, que manejam o solo para sua própria subsistência. Além disso, a terra apresenta importância simbólica justamente por possibilitar a manutenção da vida. Os processos educativos no campo devem permitir a percepção desses aspectos bem como das relações existentes entre sociedade e natureza.

A formação das pessoas diante dessa realidade deve ser completa, madura e consciente, permitindo o desenvolvimento pleno de todas as dimensões humanas, pois,

O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral. Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários (MARX, 2010, p. 108).

Dessa forma, o homem, além de se perceber parte e produto concreto da história mediada pela contradição e dialética, pode (re) pensar a realidade, tendo em vista que é possível transformá-la de acordo com os anseios, desejos e necessidades dos grupos sociais que a constroem cotidianamente.

## CONCLUSÕES

Pensar a formação humana envolve questões sociais, éticas, políticas, objetivas, subjetivas, entre outras, que estão diretamente relacionadas à realidade/totalidade na qual o ser humano está inserido. A luta pelo direito a renda da terra, pela reforma agrária e pela resistência do campesinato não deve se perder através de uma educação unilateral, mas se encontrar e resistir em uma perspectiva omnilateral. O movimento social, nesta totalidade, apresenta-se como base, apoio e instrumento através do qual o camponês busca se apropriar do que é seu por direito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho; Educação; Formação Humana.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org.). **Por Uma Educação do Campo: campo - políticas públicas - educação**. Brasília: Inkra; MDA, 2008. p. 67-86.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Educação do Campo e Território Camponês no Brasil. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org.). **Por Uma Educação do Campo: campo - políticas públicas - educação**. Brasília: Inkra; MDA, 2008. p. 39-66.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

GROSSI, Mônica. Questão Ambiental e a questão de outro metabolismo social: contribuições e desafios aos movimentos indígenas e camponeses. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 5, n.1, p. 32- 45, jan./jun. 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: [http://www.gesp.ffeilch.usp.br/sites/gesp.ffeilch.usp.br/files/modo\\_capitalista.pdf](http://www.gesp.ffeilch.usp.br/sites/gesp.ffeilch.usp.br/files/modo_capitalista.pdf). Acesso em: 11 dez. 2018.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.